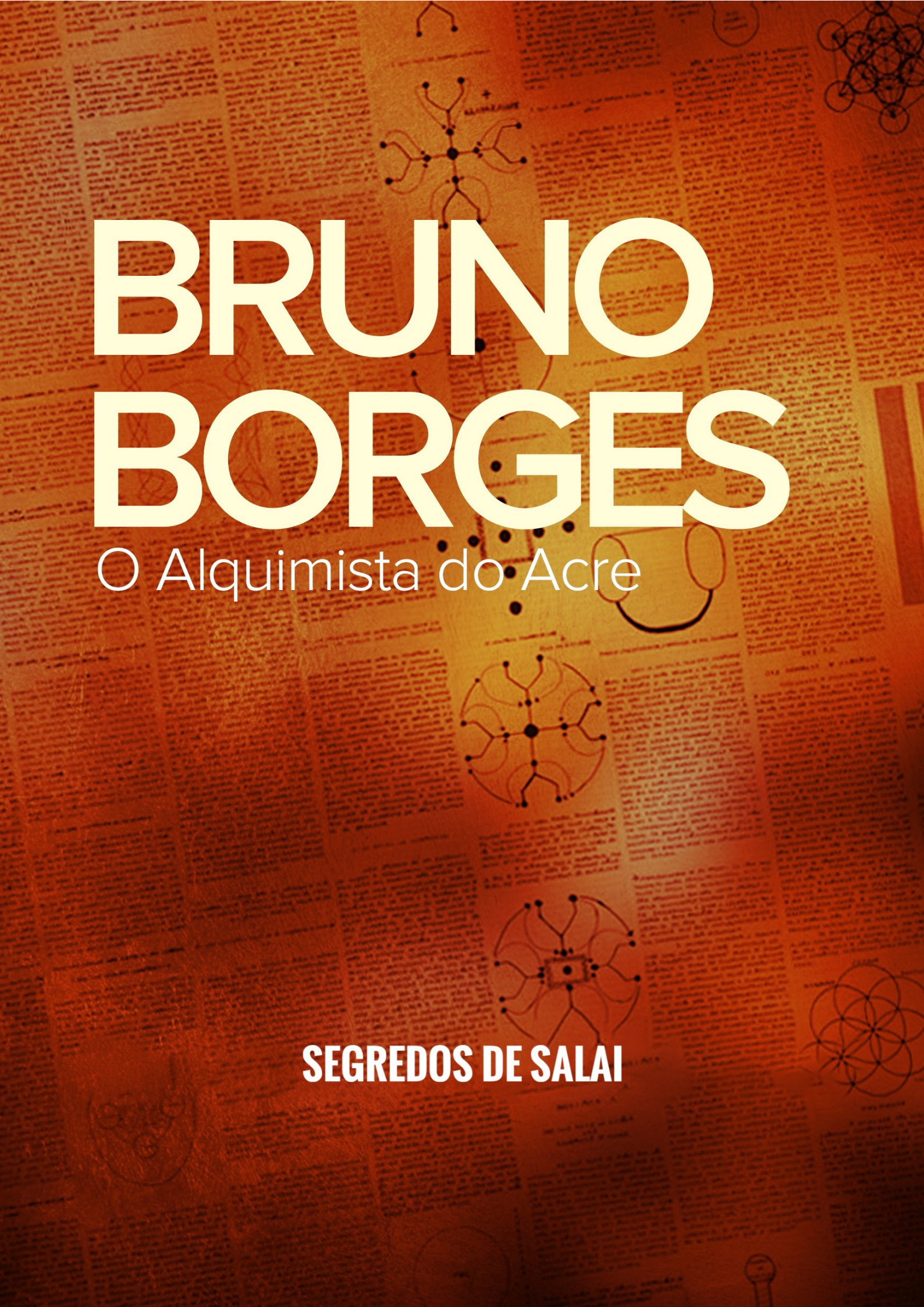


The background is a dense collage of historical documents, likely from the Voynich manuscript, featuring various diagrams and text in an unknown script. The diagrams include complex geometric shapes, circular patterns, and branching structures. The text is written in a cursive script that is not recognizable as any known language. The overall color palette is a range of browns and oranges, giving it an aged, parchment-like appearance.

BRUNO BORGES

O Alquimista do Acre

SEGREDOS DE SALAI



20/01/2016

São expressamente proibidas quaisquer formas de comercialização deste livro sem a permissão prévia e documentada do autor, Bruno Borges. Porém, são permitidas divulgações gratuitas e impressões físicas deste livro sem fins lucrativos, para fins de propagação de conhecimentos.

SUMÁRIO

CAPÍTULO I - MEU NOME É SALAI

CAPÍTULO II - O ENCONTRO ENTRE LEONARDO E
MAQUIAVEL

CAPÍTULO III - O ENCONTRO ENTRE LEONARDO E
GIULIANO DELLA ROVERE

CAPÍTULO IV - CARTA PARA CÉSAR BÓRGIA

CAPÍTULO V - O REENCONTRO ENTRE LEONARDO
E MAQUIAVEL

CAPÍTULO VI - O BANQUETE

CAPÍTULO VII - ÚLTIMA MANIPULAÇÃO

CAPÍTULO VIII - FECHANDO COM CHAVE DE OURO

Nota: Este livro contém técnicas de manipulação e de como mentir. O autor do livro passou anos observando pessoas manipulando umas às outras e mentindo, assim, fez uma coletânea e colocou nesta obra, onde também ensina um pouco da História da renascença e biográfica de alguns eminentes homens. O leitor vai entender um pouco da História enquanto aprende as técnicas para diminuir suas chances de cair na mão de manipuladores mal-intencionados. Desejo a todos uma boa leitura!

CAPÍTULO I

MIEU NOMME É SALAI

1. MEU NOME É SALAI

Para todo aquele que lê meu diário sem minha devida permissão, meu nome é Salai.

Muito embora meu mestre já tenha falecido, acredito que ao dizer seu nome todos saberão de quem estou falando, sim, a mente mais discutida em toda a Europa atualmente, Leonardo di Ser Piero da Vinci, ou simplesmente Da Vinci.

Fui criado e educado por ele, muito embora eu não tenha aproveitado muito bem a educação que ele me proporcionou... Mas, garantindo ao mesmo que não sairia deste mundo sem minha obra-prima, e que ele não teria tentado me ensinar em vão, é que escrevo este diário.

Certa vez, Leonardo, muito chateado com minhas intermináveis peripécias, disse-me: “Lastimável discípulo, que não ultrapassa o mestre”. Porém, meu caro, você havia esquecido uma coisa diante de seus sermões, esqueceu-se da minha prodigiosa memória e capacidade de observação. Deste modo, deixou passar um deslize sobre alguns de seus planos miraculosos, e este deslize sou eu!

Na verdade, o deslize não sou eu, mas sim este diário, e deixarei o próprio muito bem guardado, para que, quando este for revelado, eu já esteja sucumbido e não tenha problemas em minha vida, nem seja acusado de ser cúmplice. Portanto, se me lê, é porque acessa, e se acessa, é porque anseia, e, por fim, se anseia, então eu lhe direi...

Tudo o que precisam saber é que, para onde Leonardo andava, eu o acompanhava junto, todos os seus segredos ele confiava a mim. Nesta parte eu posso dizer que me criou muito bem, pois minha boca era um túmulo. Entretanto, parece que a tinta sobre a pena, e a pena em minha mão, não o são. Por isto aquele que diz nada contar pela boca não mente quando revela pela escrita.

Em um determinado momento da Estória – e aqui já entram os meus segredos – Leonardo se encontrou com um indivíduo chamado Maquiavel, os problemas de meu amo giravam em torno da herança de seu falecido pai, Ser Piero, pois ele tinha muitos descendentes, e Leonardo, sendo filho bastardo, parecia não ter direito a nada. Mas Maquiavel era Chanceler, e poderia resolver. Prestem muita atenção ao modo como vos narro, pois após Leonardo ter seguido os conselhos de Maquiavel, e tendo malogrado neles, a conversa aconteceu mais ou menos assim...

CAPÍTULO II

O ENCONTRO ENTRE LEONARDO E MAQUIAVEL

2. O ENCONTRO ENTRE LEONARDO E MAQUIAVEL

Leonardo – Venha, Salai, ali está ele...

Foi mais ou menos assim que o velho falou.

Maquiavel – Então, Leonardo, espero que tudo tenha ocorrido corretamente.

Leonardo – Tentei de todas as maneiras que me disseste, até mesmo tentei conversar com meu grande amigo Fazio Cardano, que é Jurista e Doutor, porém, nada adiantou. Eu não tive direito nem ao mais fino farpo do que meu pai deixou nesta terra.

Maquiavel – Se não conseguiste pelos modos que lhe ditei, então não conseguiria de nenhum outro. Como se sente?

Leonardo – Pesaroso.

Maquiavel – Esqueça isto, homem, quem é este ao seu lado?

Leonardo – Este é Salai, crio ele desde a tenra idade.

Maquiavel – É de confiança?

Leonardo – Eterna.

Maquiavel – Então venham comigo, vamos para um lugar prudente, temos muito o que conversar.

Leonardo – Certamente.

Deste modo, Maquiavel nos levou para um local totalmente desconhecido, ficava a 15 minutos de onde estávamos, passamos pelo comércio, por esquinas estreitas, por ciganos, por conselheiros, até chegarmos em um local que para ele era “supostamente” seguro.

Não era tão ruim assim, ao menos tinham caixas para sentarmos, só nós três. Mas, nossa! Sentia-me como um intruso, ele não parecia seguro com minha presença.

De qualquer modo, eu tirei proveito, com certo cinismo, da situação. Vale lembrar que não espero que creiam em mim, sempre me disseram que tenho o dom para contar Estórias mesmo, aliás, talvez eu seja bom somente nisto. Então, sabendo destas informações, perdoem-me se eu não me conter e acabar aumentando este conto.

Maquiavel – Vamos ao que interessa.

Leonardo – Francamente, não sei do que se trata.

Maquiavel – Pois te explicarei. Sabemos que nossa amizade tem sido construída através dos nossos serviços ao grande César Bórgia.

Leonardo – Correto.

Maquiavel – E, até onde eu sei, pelo que me confiou, você tem horror e aversão ao modo como ele governa.

Leonardo – Extremamente obtuso, eu diria. E, até onde eu sei, você tem admiração e louvor pelo modo como ele governa, estou certo?

Maquiavel – Perfeitamente. E é aí onde quero chegar. Sei que para você, que tem tanto espanto com as brutalidades de Bórgia, deve ser difícil ser o engenheiro militar do mesmo. Imaginei como deve ser difícil ver seus túneis, barricadas, fortificações e trincheiras sendo construídos com um propósito tão bárbaro.

Leonardo – Não sou um hipócrita, se é o que pretende, apenas preciso disto para sobreviver. Não é porque construo que não tenho aversão.

Maquiavel – Não, que isso, Leo, se eu achasse que está agindo com hipocrisia eu não estaria aqui agora para lhe dar uma oferta.

Leonardo – Que oferta? Há algo de errado com nossa ideia para a transposição do rio Arno? Afinal, é de agrado do Bórgia e de Florença que isto se perpetue, correto?

Maquiavel – Sim! Exatamente, não se preocupe; quanto a isto, continuaremos trabalhando em prol de fazer desta transposição o maior sucesso possível. Como bem sabe, Pisa está totalmente controlada pelos inimigos, e eu venho trabalhando a anos para tentar conquistá-la novamente, para os Florentinos. Porém, os mercenários que contratamos por diversas vezes fizeram um papel horrível, traíram-nos e nos desfortunaram, por isto acredito que o trabalho de Bórgia é tão excelso.

Leonardo – César Bórgia é um tirano grotesco, seu único objetivo é sangue!

Maquiavel – Pois para sua alegria, esta é minha oferta de hoje, tirá-lo do poder.

Leonardo – Logo você? Quem diria.

Maquiavel – É muito simples. Você sabe que nasci aqui, em Florença, e venho servindo esta cidade a décadas, meu amor por ela é infindável. Pois bem, apesar de eu idolatrar o modo como César Bórgia governa, eu acredito que ele, dominando tudo ao seu redor, vem causando terror e medo, para nós, Florentinos, de uma possível invasão.

Leonardo – Entendo seu ponto de vista. E você, sabendo que não concordo com as metodologias de ele utilizar o poder, veio direto a mim, pois, tendo nós dois grandes influências sobre o mesmo, podemos abarrancá-lo. Por conseguinte, eu digo, pode ficar tranquilo, eu vivi em Florença por longínquos anos.

Maquiavel – Você é um homem com inteligência louvável; certo, Salai? É Salai que se chama, não é mesmo?

Salai – Certo, senhor. Sim senhor. – Respondi.

Maquiavel – Não achas teu amo louvável?

Salai – Até demais, senhor. – Respondi novamente.

Maquiavel – O que achou da ideia da construção da igreja em formato octogonal, com uma cúpula central rodeada por oito capelas idênticas, realizada pelo seu amo?

Salai – Esplêndida, senhor!

Eu responderia qualquer coisa para bajular aquele homem, ele parecia ser alguém de elite, uma casquinha que eu pudesse arrancar poderia ser de utilidade tamanha, quem sabe.

Maquiavel – Então, Leonardo, aprecio seus trabalhos, suas ideias e sua inteligência. A fortuna certamente está contigo. Deseja, pois, entrar neste ofício comigo?

Leonardo – Se houver o máximo de sigilo, sim.

Maquiavel – Esta questão da prudência é a raiz. Ela é a principal, o cume a gente alcança logo.

Leonardo – Vamos alcançá-lo agora, conte-me qual será o primeiro passo!

Maquiavel – César Bórgia está próximo de conceder o título de rei para algum candidato. Tudo o que precisamos fazer, em primeiro lugar, é que Giuliano della Rovere, um cardeal poderoso, se candidate.

Leonardo – Por quê?

Maquiavel – Porque este homem foi um tremendo inimigo do pai de César, o

papa Alexandre VI: um dos primeiros atos de Alexandre ao entrar no Vaticano em 1492 foi tentar servir uma taça de veneno ao seu rival. O cardeal della Rovere então abandonou Roma e amargou uma década inteira de exílio na França, arquitetando a destruição de seu inimigo. Agora que ele está de volta como cardeal poderoso, acredito que poderá se vingar de César Bórgia, caso este o eleja, como tentativa de sanar seu ódio para com o pai deste último, já falecido.

Leonardo – Tudo bem, entendo parte do plano, mas como seria possível César Bórgia conceder seu título a um homem com este histórico de ter sido rival de seu pai no passado?

Maquiavel – Esta parte entra após o plano de convencer Giuliano della Rovere a se candidatar. Marquei um encontro entre ele e você para amanhã... E você o convencerá.

Leonardo – Está louco, homem? Como marca um encontro sem eu nem saber disto!

Maquiavel – Deixe-me explicar. Tinha certeza que você aceitaria entrar neste projeto comigo, de derrubar Bórgia, então eu me antecipei. Agora, o porquê de ter que ser você: é devido à sua criatividade.

Leonardo – Como tinha tanta certeza? E o que eu vou ganhar com este plano? Você vai ganhar a segurança de Florença, e, quanto a mim, acredita que apenas o fato de eu não trabalhar para um tirano já me conforta? Irei trabalhar para quem?

Maquiavel – Porque, em primeiro lugar, você não gosta do modo dele governar; e em segundo lugar, se tudo ocorrer como esperado, futuramente terei muita influência, e prometo que vou lhe assegurar a pintura do mural do Palazzo della Signoria. Eu mesmo assinarei seu contrato com a Signoria.

Leonardo – Isto parece muito interessante. E o que minha criatividade tem a ver com tudo isto?

Maquiavel – Leonardo, você pode ser pintor, engenheiro, escultor, inventor, arquiteto, etc. Pode até brincar de ser profeta com o rei Ludovico, mas, a arte de manipular, eu acredito que domino mais do que você. E a técnica que utilizaremos, ou melhor, que você vai utilizar para convencer Giuliano della Rovere a se eleger como candidato, é a que eu gosto de chamar de: “Técnica das novas ideias”.

Leonardo – Como se procede ela?

Maquiavel – Bela pergunta. A minha técnica das novas ideias consiste em achar ideias e soluções novas, e depositar o máximo de confiança nelas, a ponto de todos os que você quiser manipular sentirem isso. Logo o rebanho estará lhe atribuindo, por mais que inconscientemente, o papel de líder, porque inovar faz com que tenha um diferencial diante dos outros, use este recurso para liderá-los.

Forme uma cadeia magnética e dê origem a uma corrente de ideias que produza a fé e que arraste um grande número de vontades em um círculo determinado de manifestações, pelos seus atos.

Leonardo – Hm, acho que entendi.

Maquiavel – Mas, cuidado! Muito cuidado com o tipo de ideia, tem que ser algo que levante o interesse do alvo a ser manipulado (que aqui é o qual ao título queremos que se candidate). Caso contrário, todos poderão considerar-lhe louco pelo “pensar diferente”.

Leonardo – Não se preocupe. As pessoas serão minha loucura, pois se estas pessoas não existissem não haveria ninguém para me dizer que sou louco, neste caso em particular, ou seja, o único motivo para que eu seja louco, as acusações falsas, não existiriam.

Sobre a técnica, entendi perfeitamente. E, para que ela não seja uma ideia que desperte medo por ser demasiadamente diferente, eu imputarei sobre ele as lembranças que o pai de César Bórgia lhe causou e sua chance de se vingar.

Maquiavel – Perfeito! Viu só, Salai? Seu mestre é único!

Salai – Vi sim, Doutor.

Maquiavel – Ainda não acabamos, Leonardo.

Leonardo – Pois não.

Maquiavel – Você pedirá, sobre esta nova ideia, a Giuliano que prometa ao César Bórgia que irá mantê-lo como capitão-geral da Igreja.

Leonardo – Como farei com que ele confie em mim?

Maquiavel – Use uma de minhas teorias: “Das confianças depositadas sobre uma frágil dominação”: quando for utilizar argumentos que não domina bem, coloque antecipadamente confiança sobre tais argumentos, que o alvo será ludibriado frente aos argumentos posteriores ao ato de gerar confiança.

Leonardo – Devo, então, sobre este pedido que farei ao mesmo, imputar confiança.

Maquiavel – Sim; no momento do pedido, olhe entre os dois olhos dele, em um ponto bem no início do nariz.

Leonardo – E a esta técnica, qual nome você dá?

Maquiavel – “Técnica do olhar no ponto entre os olhos”.

Leonardo – Entendi, você é um homem engraçado, não é mesmo, Salai?

Salai – Muito, senhor! Muito engraçado!

Maquiavel – Talvez eu seja, mas vai dar certo!

Leonardo – Quando me encontro com ele e onde?

Maquiavel – Ao lado da capela, amanhã às 17:00. Vá com Deus!

Leonardo – Lá é seguro, tem pouco movimento?

Maquiavel – Sim! Lá tudo é disperso. Agora, até!

Leonardo – Até! Nos encontramos aqui novamente para traçar o novo plano.

Maquiavel – Sim! Correto! Adeus!

Deste modo nos retiramos. Enquanto meu amo ia na frente, eu anotava no meu diário pessoal as técnicas e teorias que havia aprendido.

MANIPULAÇÕES

TÉCNICA DAS NOVAS IDEIAS → Consiste em achar ideias e soluções novas, depositar o máximo de confiança nelas a ponto de todos que você está querendo manipular sentirem isso. Logo o rebanho estará lhe atribuindo, por mais que inconscientemente, o papel de líder, porque inovar faz com que você tenha o diferencial diante dos outros, use este recurso para liderá-los. Forme uma cadeia magnética e dê origem a uma corrente de ideias que produza a fé e que arraste um grande número de vontades em um círculo determinado de manifestações, pelos seus atos. **Obs:** → Ter cuidado com o tipo de ideia, tem que ser algo que levante o interesse do alvo a ser manipulado. Caso contrário todos poderão considerar-lhe louco pelo “pensar diferente”.

TÉCNICA DO OLHAR NO PONTO ENTRE OS OLHOS → Quando for manipular pela retórica, olhar entre os dois olhos, em um ponto bem no início do nariz.

TEORIAS

DAS CONFIANÇAS DEPOSITADAS SOBRE UMA FRÁGIL DOMINAÇÃO → Quando for utilizar argumentos que não domina bem, coloque antecipadamente confiança sobre tais argumentos, que o alvo será ludibriado para os argumentos posteriores ao ato de gerar confiança.

CAPÍTULO III

O ENCONTRO ENTRE LEONARDO E GIULIANO DELLA ROVERE

3. O ENCONTRO ENTRE LEONARDO E GIULIANO DELLA ROVERE

Chegamos ao local esperado, lá estava o velho, deveria ser Giuliano. O local era tão discreto quanto aquele do dia anterior. Decerto isto ajudou a fazer com que Leonardo mantivesse a calma. E quanto a mim, fiquei no canto observando, meu amo não me permitiu ficar no ambiente pois isto poderia fazer com que Giuliano não confiasse na ideia que meu mestre iria lhe passar. Só esperei ansiosamente para ver se Leonardo colocaria as técnicas ensinadas por Maquiavel em prática.

Giuliano – Leonardo, aqui! Venha aqui!

Leonardo – Ah! Aí está você, não lhe reconheci, peço desculpas.

Giuliano – Normal, amigo, você nunca me viu. Mas, eu já lhe vi, inclusive, ouvi muitas coisas a respeito de suas realizações frutíferas.

Leonardo – Grato, amigo. Então sabes que sou um homem de muitas ideias, não?

Giuliano – Certamente.

Leonardo – E que em todas elas obtenho sucesso!?

Giuliano – Por Deus que sim! Por isto cedi ao encontro, não pense que foi apenas por apelo de Maquiavel, mas sobretudo por se tratar de alguém tão nobre como vossa excelência.

Leonardo – Então minhas falas são de um homem excelente para um homem excelso, o que particularmente só muda a palavra, mas não o sentido.

Giuliano – Agradecido.

Leonardo – E deve estar se perguntando o porquê de eu ter vindo até aqui para falar com você...

Giuliano – Tirou as palavras de minha boca.

Leonardo – Bom... O motivo de eu estar aqui... Nossa! Não acredito!

Giuliano – O que houve, Leonardo, o que houve?

Leonardo – Acabei de ter uma ideia grandiosa! Grandiosa!

Giuliano – Bendita seja a Fortuna, bendita! Anote para não esquecer!

Leonardo – Não, não! Não será preciso anotar, está tudo aqui na minha cabeça, Giuliano, tudo aqui. – Leonardo aponta para sua cabeça.

Giuliano – É grandiosa mesmo? Qual a magnitude?

Leonardo – Ela é de magnitude gigantesca para os que participarem dela, e o pior é que tu estás envolvido nela.

Giuliano – Eu? Por Deus, me conte o que é, quem sabe meu dia esteja destinado a ser de grandes conquistas.

Leonardo – Olhe aqui... Olhe para aquele rio, pode ver o que eu vejo?

Giuliano – O que vê são peixes?

Leonardo – Não! Não! Estou vendo o futuro, posso ver seu futuro!

Giuliano – É um visionário, por Cristo!

Leonardo – Nossa! Tive outra ideia!

Giuliano – Outra ideia!! Outra ideia!!

Eu tinha que admitir. Meu mestre era simplesmente excepcional. Eu estava me matando de rir sobre a esquina, enquanto esgueirava meu olhar para toda aquela encenação. Será que o infeliz pensou naquele teatro todo antes de ali chegar? Não conseguia conter o riso, por vezes tinha medo que eles escutassem e eu acabasse atrapalhando todo o plano.

Leonardo – Giuliano, sente-se aqui comigo, vamos conversar sobre elas, devo lhe empossar das mesmas com urgência imediata.

Giuliano – Diga-me tudo, tudo!

Leonardo – Você sabe que acabei de ter um insight, foi notável, você viu?

Giuliano – Vi, diga-me o que pensou?

Leonardo – César Bórgia, tem a ver com ele!

Giuliano – O que tem aquele infeliz? Você falou que teve uma ideia que me levaria ao sucesso, o que este homem tem a ver com isto?

Leonardo – Você sabe que César Bórgia está próximo de conceder o título para algum candidato, certo?

Giuliano – Sei sim.

Leonardo – E você é um cardeal poderoso.

Giuliano – Pode-se dizer que sou um cardeal, mas poderoso nem tanto.

Leonardo – Pois com minha magistral ideia você será.

Giuliano – Quanto de certeza você tem?

Então Leonardo, a pedido de Maquiavel, olhou entre os dois olhos de Giuliano, logo acima do nariz, e respondeu-lhe demonstrando extrema confiança sobre um assunto incerto:

Leonardo – Certeza Absoluta. Já viste alguma ideia minha fraquejar?

Giuliano – Não. Mas prefiro não arriscar neste seu plano.

Leonardo – E por que não?

Giuliano – Tive uma rivalidade eterna com o pai de César.

Leonardo – Pois bem, acredita em destino?

Giuliano – Mas é claro.

Leonardo – Então seu destino chegou, eu sou a chave para que você finalmente se vingue do pai dele.

Giuliano – Mas este já sucumbiu.

Leonardo – Portanto, agora se vingará derrubando o filho do pai.

Giuliano – Daria tudo por isto...

Leonardo – É muito simples, Giuliano, tudo o que você precisa fazer é se

candidatar ao título que César Bórgia quer ceder. Após isto, envie uma carta ao mesmo. Nesta carta, não toque no nome do pai dele e nem faça com que ele retenha na memória todas as desavenças do passado.

Giuliano – O que escreverei nesta carta então?

Leonardo – Você fará uma promessa a César Bórgia. Escreva para ele que dá a sua palavra de honra que, caso seja eleito por ele, o manterá como capitão-geral da Igreja para todo o sempre. Feito isto, o bajule bastante, diga que aprecia e admira como ninguém os métodos por ele ovacionados em seu governo. Entendeu?

Giuliano – Entendi! E, na verdade, eu não mantereirei coisa nenhuma, mas sim o deportarei, tendo minha vingança efetivada, certo?

Leonardo – Exatamente.

Giuliano – Mas como saberei se o plano deu certo?

Leonardo – Maquiavel vai me encontrar amanhã para discutirmos a segunda tomada. Enviando a carta ainda hoje, podemos traçar uma rota para o plano B. O resto é conosco, confie em nós.

Giuliano – Está certo, Adeus!

Leonardo – Espere um instante!

Giuliano – Pois não?

Leonardo – Já ia me esquecendo: Maquiavel me pediu para que lhe ensinasse uma técnica de mentira, para aumentar as chances de ter sucesso na empreitada. Ao escrever a carta, você vai utilizar a: “Técnica dos planos futuros após uma mentira”.

Giuliano – No que consiste isto?

Leonardo – A técnica dos planos futuros após uma mentira consiste em traçar uma mentira que tem consequências, e, antes que a vítima se mostre incrédula, você deve fazê-la vivenciar imaginativamente aquelas consequências, ou até mesmo posteriores a elas, impondo regras para parecerem mais autênticas.

Giuliano – Não ficou claro! Não ficou claro!

Leonardo – Darei um exemplo: você foi acorrentado por bandidos e quer ser solto. Então, você pede que lhe soltem com a mentira de que sabe onde fica um tesouro muito portentoso que escondeu. Mas, para os bandidos não desconfiarem, você mente sobre os planos futuros e impõe regras, falando que tem uma condição: quando achar o tesouro (mentira) você vai querer $\frac{1}{4}$ dele. Quando na verdade não existe tesouro nenhum e você planeja imobilizar todos assim que te soltarem. Compreendeu?

Giuliano – Tá... Mas como farei isto no contexto da mensagem escrita na carta?

Leonardo – Diga a César Bórgia que, caso ele lhe eleja, você tem uma condição.

Giuliano – Qual a condição?

Leonardo – A de que só o colocará como capitão-geral da igreja se ele lhe fornecer informações necessárias e proibidas sobre as pessoas que vão trabalhar ao seu lado, quando o posto for seu.

Assim, passará despercebido a César Bórgia que essa promessa de lhe colocar como capitão-geral da igreja é simplesmente uma mentira suja vinda de sua parte, já que você fez exigências que são do seu interesse e que só ele pode cumprir.

Giuliano – Perfeito! Farei a carta agora mesmo, como a entrego ao veredicto?

Leonardo – Mais tarde uma pessoa de minha confiança irá pegar com o senhor, esta pessoa conhece os serviços de César, entregará aos mesmos e depois ficará a par das notícias.

Giuliano – Tudo bem então, Adeus!

(Giuliano se retira)

Leonardo – Salai! Salai, meu garoto, venha até aqui.

Salai – Sim, amo.

Leonardo – Você ficará aqui com o objetivo de receber a carta que Giuliano mais tarde lhe entregará. Feito isto, vá e leve ao seu amigo que você disse outrora ser serviçal de César, peça para o mesmo entregar em mãos e se inteirar do assunto, para que com isto ele venha lhe contar os resultados. Faça isto e encontre-se comigo e com Maquiavel amanhã naquele nosso local em particular, a fim de nos dizer as consequências.

Salai – Com prazer, mestre!

MENTIRAS

TÉCNICA DOS PLANOS FUTUROS APÓS UMA MENTIRA

→ Quando você traça uma mentira que tem consequências, antes que a vítima se mostre incrédula você deve fazê-la vivenciar aquelas consequências mentalmente, ou até mesmo posteriores a elas, impondo regras, para parecer mais autêntica.

Ex.: Você foi acorrentado por bandidos e quer ser solto. Então, você pede que lhe soltem com a mentira de que sabe onde fica um

tesouro muito portentoso que escondeu. Mas, para os bandidos não desconfiarem, você mente sobre os planos futuros e impõe regras, falando que tem uma condição: quando achar o tesouro (mentira) você vai querer $\frac{1}{4}$ dele. Quando, na verdade, não existe tesouro nenhum e você planeja imobilizar todos assim que te soltarem.

CAPÍTULO IV

CARTA AO CÉSAR BÓRGIA

4. CARTA AO CÉSAR BÓRGIA

Eu nem podia acreditar em como a sorte estava do meu lado! Giuliano entregaria a carta para mim, logo eu? Era uma honra poder ler a carta antes até mesmo de César Bórgia, essa empreitada foi uma das que mais me divertiram, sem dúvidas. O tempo não parecia passar enquanto eu esperava por Giuliano. Fiquei lá, naquele mesmo local, sem mover uma perna sequer, até que ele me apareceu.

Salai – Até que enfim!

Giuliano – Você é o mensageiro?

Salai – Poderia dizer que sim, Doutor.

Giuliano – Não me chame de Doutor, não sou Doutor. Tome aqui, filho, entregue esta carta ao César Bórgia, imediatamente.

Salai – Entregarei ao meu amigo, que é serviçal deste, e ele entregará ao próprio.

Giuliano – Ele é de confiança?

Salai – Muitíssima!

Giuliano – Não vai abrir a carta?

Salai – Ele? Jamais!

Giuliano – Ótimo, e você?

Salai – O que tem eu?

Giuliano – Não vai abrir a carta?

Salai – Eu, meu senhor? Nunca faria isso, tenho um nome a zelar.

Giuliano – Está certo, confio em você, tome esta carta e agora vá!

Salai – Um minuto, senhor.

Giuliano – Pois não?

Salai – O serviçal de César vai querer algo em troca.

Giuliano – Claro, claro, dê estas moedas para ele!

Salai – Insuficiente.

Giuliano – Tome mais estas.

Salai – Agora está tudo certo, Adeus!

Peguei a carta, dividi o dinheiro em duas partes, uma para mim e a menor para meu amigo, e parti sem mais delongas. Na verdade, se não me engano, acho até que fui correndo e às pressas. O pobre do Giuliano achava que minha pressa era pela iminência de seu plano, quando na verdade o motivo de minha carreira era poder ler a carta. Então, eu passei pela primeira esquina, segunda, terceira e pela quarta. Parando ali, respirei fundo, olhei para os lados para ver se ele tinha me seguido ou se havia alguém próximo demais, a ponto de mirar os olhos nas escrituras do papel, e, ao perceber que estava seguro, abri a carta de imediato e comecei a ler:

“Caríssimo César Bórgia, eu, Giuliano Della Rovere, venho humildemente, por meio desta solene carta, lhe dar o recado de que estarei me candidatando, me colocando para ser um dos pretendentes ao teu cargo, o qual já está no fim da expedição.

Se colocar-se no questionamento do porquê resolvi lhe escrever para dar esta notícia, saiba, ó, excelentíssimo César, que tenho uma proposta movedora para ti. Uma proposta que nenhum outro ousaria fazer, pois sabemos que os arredores e demais candidatos não são dignos do teu respeito, pois não compreendem a forma raríssima e virtuosa com que toma suas decisões na hora de governar. Somente homens como eu e você entendemos como são honráveis suas tomadas de ações. E, como se não bastasse, os outros pouco lhe apreciam quando nos colocamos todos para discutir sobre seu estado, de modo tal que se tornam olvidados, cegos e ingratos!

Mas, caso me permita falar sobre minha proposta (continuando a ler esta carta), espero seu sigilo e respeito, do mesmo modo que tenho ao tratar o senhor, ela é do seu interesse. César, se optar por mim na subida ao cargo, eu farei de você Capitão-Geral da Igreja para todo o sempre, e dou minha palavra de honra quanto a isto. Pois tu, ó, César, merecer menos não poderia, e eu, reconhecendo isto, digo que este é o mínimo que posso lhe dar em troca.

Porém, saiba, meu fidelíssimo companheiro, que, no momento em que eu lhe colocar no cargo de Capitão-Geral da Igreja, muito me agradaria que você, em troca, apenas pudesse me colocar a par das informações sigilosas sobre todos aqueles que trabalhariam ao meu redor. Pois, como sabe, assumir teu cargo requer o máximo de prudência, e como um amigo sempre ajuda o outro, esta seria minha única exigência. Pense bem sobre minhas ofertas, meu caro, pois tu és o símbolo em que eu me espelho em todo o alvorecer.

De seu amiguíssimo e fidelíssimo, Giuliano Della Rovere”

Achei a carta um tanto convidativa, realmente, poderia funcionar. Coloquei novamente no envelope e parti rumo ao meu amigo. Não tardou para que eu o encontrasse e continuei com o plano.

Salai – Costanua! Costanua!

Costanua – Salai?

Salai – Exatamente, ainda trabalhando para o César Bórgia?

Costanua – Sim, o que deseja?

Salai – Desejo que entregue esta carta para ele imediatamente, e pegue estas moedas para ti como troca desta realização de favores.

Costanua – É com tanta urgência assim?

Salai – Sim, sim!

Costanua – Entregarei agora mesmo.

Salai – E, por favor, ao entregar, tente ficar por dentro dos comentários que ele fizer em respeito à carta, e estarei lhe esperando aqui até o anoitecer. Traga-me os comentários, não se esqueça dos comentários!

Costanua – Pode deixar comigo, Salai, como nos velhos tempos.

Salai – Como nos velhos tempos...

(Costanua se retira)

Mas que safado, ele pensa que eu não vi, logo que virou a esquina já começou a abrir a carta. De fato, este mundo está totalmente desmoralizado, ó, lendo a carta que se trata de um assunto particular entre dois eminentes homens? Como ele ousa? Eu apenas li porque tinha o direito, já que faço parte do plano, mas, este imundo lendo também? Biltre! E quanto à demora do infeliz? Muito embora esperar por Giuliano tenha demorado algumas horas, eu, para esperar este miserável e filho de rapariga do Costanua, tive que dormir na rua, gastar as moedas que Giuliano me deu em um mercado próximo, pois estava faminto, e ainda tive que esperar o mesmo dia inteiro. Deveria tê-lo cobrado pelo que gastei com sua espera, mas como não podia perder o foco e tinha que absorver o máximo de informações que ele me trouxesse, resolvi não criar atrito. Enfim ele acabou voltando.

(Costanua retorna)

Costanua – Serviço feito!

Salai – E eu com isso? Quero os resultados, e rápido, pois você demorou e logo terei um outro encontro importante. Leu a carta?

Costanua – Jamais! Só fiz o que pediu!

Salai – Eu sei, eu sei, agora vai logo contando, estou exausto. – Mas que mentiroso de uma figa.

Costanua – Eu entreguei a carta, fiquei enrolando sobre o salão. Eu disse que não sabia de quem era, mas que uma pessoa de confiança me havia entregue. Convenhamos Salai, você não é de confiança, é meu colega, mas não é de confiança. Eu menti para que ele pudesse aceitar a carta. Tem noção de quantas cartas ele recebe por dia?

Salai – Eu não sou de confiança? E você, vai me dizer que você se considera um homem confiável? Ah, isto pouco importa! Vai logo, homem, me diz se ele leu esta maldita carta!

Costanua – Não te avexa! Ele leu a carta e fez um comentário sobre a mesma com um diplomata.

Salai – Diplomata? Como ele era, como era? Era calvo?

Costanua – Sim, calvo.

Salai – Rosto afinado?

Costanua – Exatamente, como sabe?

Salai – Era Maquiavel.

Costanua – Isso mesmo! Nicolau Maquiavel foi como César o chamou. Como sabe?

Salai – Não lhe importa, não importa agora nem mesmo os resultados, pois eu tinha ficado de dizer ao próprio daqui a pouco.

Costanua – Bom, sendo assim, partirei.

Salai – Não, espere! Me deixe a par das notícias, sou muito curioso e pretendo saber tudo o que se passa.

Costanua – Então, Salai, como eu estava dizendo, César leu a carta e falou sobre uma proposta que a mesma continha, ele disse algo sobre ela para este tal de Maquiavel.

Salai – E Maquiavel?

Costanua – Começou a falar a favor da proposta. Mas César não estava satisfeito, a pessoa que lhe enviou a carta não fazia confiança emergir nele.

Salai – E o que Maquiavel fez a respeito?

Costanua – Disse para marcarem um banquete com o tal de Giuliano, convidá-lo, junto com outras pessoas que o mesmo citou, das quais não me lembro os nomes, talvez por não conhecer elas.

Salai – Muito obrigado e até logo!

Sai novamente correndo, desta vez para o meu outro encontro, com meu Mestre e Maquiavel. Queria saber o que exatamente estava acontecendo.

CAPÍTULO V

O

REENCONTRO

ENTRE

LEONARDO E

MAQUIAVEL

5. O REENCONTRO ENTRE LEONARDO E MAQUIAVEL

Leonardo – Até que enfim, Salai.

Salai – Perdi muita coisa, mestre?

Leonardo – Não muita.

Maquiavel – Este menino é de boa confiança, Leonardo. Entregou a carta ao César Bórgia como bem deveria.

Leonardo – E então, Maquiavel, ele se convenceu?

Maquiavel – Tentei o máximo que pude, porém, ele tem suas dúvidas. Por isto, marquei um banquete com Giuliano, César Bórgia, você, seu menino e eu.

Leonardo – Não irá mais ninguém?

Maquiavel – Se vai eu não tenho tanta certeza, só vamos saber na hora.

Leonardo – Mas e quanto à promessa de Giuliano, muito se alegrou César com ela, ou nem tanto?

Maquiavel – A princípio ele não acreditou, então eu tive que entrar em cena. Lancei sobre ele artimanhas de uma de minhas teorias sobre promessas. A que gosto de chamar: “Das promessas que lhe fizerem”.

Leonardo – E?

Maquiavel – E daí que, para lhe fazer acreditar ou ficar mais confiante quanto a esta promessa mentirosa de Giuliano, eu lhe ensinei que quando prometerem sobre algo, e este algo tiver consequências, você, se quiser aumentar as chances da promessa que lhe fizeram ser concretizada, deve antecipar a consequência para o que prometeu. Se o surgimento da consequência for impossível antes que a promessa seja efetuada (que é o caso), antecipe verbalmente. Ele não entendeu muito, então exemplifiquei, lhe disse que certo dia eu estive na taberna de um amigo, e, ao final da noite, quando fui

pagar a quantia que devia ao mesmo, notei que faltava parte de meu dinheiro, pois havia esquecido em casa, que no caso era próxima dali. Então, prometi pegar o resto do dinheiro em casa e voltar imediatamente. Meu amigo, sendo muito esperto, perguntou-me qual a quantia que eu tinha lá, e, para fazer com que minha promessa fosse cumprida, ele já me entregou o troco referente àquele dinheiro que eu daria para ele com o intuito de pagar pelas bebidas. Assim, me vi mais que na obrigação de voltar e pagá-lo realmente.

Leonardo – Agora lhe farei a mesma pergunta que Giuliano fez para mim: e como colocar isto no contexto da promessa deste último?

Maquiavel – Foi o que ele me perguntou. E eu disse: “Simplesmente marque o Banquete, quando Giuliano ali estiver, entregue para o mesmo uma nota com todas as informações dos que trabalham em cargos submissos a você, que é o que Giuliano quer no pedido feito na carta, e assim antecipará a confiança e fará com que a consciência dele pese para o cumprimento de sua promessa”.

Leonardo – Será que ele caiu nesta idiotice?

Maquiavel – Claro! Bórgia confia muitíssimo em mim. Verá no Banquete como ele entregará o bilhete! Você verá!

Leonardo – E como se procederá o resto?

Maquiavel – Eu e você não conhecemos Giuliano, assim tem que ser o fingimento. E vamos “avaliá-lo” para o César Bórgia, faremos perguntas e utilizaremos algumas de minhas técnicas para ludibriar César.

Leonardo – É importante não tocarmos, em hipótese alguma, no assunto que envolve o pai de César e Giuliano.

Maquiavel – Perfeitamente, isto jamais poderia ser lembrado na mesa.

Leonardo – E quanto a Giuliano, ele sabe que tem que fingir não nos conhecer?

Maquiavel – Sabe sim, já conversei com o mesmo.

Leonardo – Ótimo! Tudo o que precisamos fazer é despertar a confiança de César em Giuliano.

Maquiavel – Sim, para isto, fiz uma lista de técnicas para você utilizar na hora, e uma outra lista para que Giuliano também utilize, já entreguei a dele e agora entrego a sua. E, lembre-se, sente-se ao meu lado para que possamos conversar à parte.

Leonardo – E você, Salai, sente-se próximo ao Bórgia. Salai é um libertino, fará com que Bórgia se entretenha e beba bastante, assim, poderá achar tudo ao seu redor mais agradável, inclusive Giuliano, fazendo com que se cumpram nossos votos.

Salai – Sim, senhor! – De fato, disto eu entendia muito bem.

Leonardo – Agora vamos, Adeus!

Maquiavel – Adeus!

TEORIAS

DAS PROMESSAS QUE LHE FIZERAM → Quando prometerem algo, e este algo tiver consequência, você, se quiser aumentar as chances desta promessa ser concretizada, deve antecípar a consequência para o que prometeu. Se for impossível ocorrer tal consequência antes que a promessa seja efetuada, antecípe verbalmente. Ex.: no caixa de um restaurante, uma mulher que consumiu algo vê que faltam 8 reais para pagar, então ela diz que vai pegar 10 reais que se encontram em seu carro, o teórico que está no caixa aceita, mas lhe dá o troco, que, no caso, são 2 reais, antes que ela pegue os 10 reais. **Obs:** Pode ser uma técnica arriscada, pois a pessoa que prometeu pode não ter uma consciência que pese.

CAPÍTULO VI

O BANQUETE

6. O BANQUETE

César Bórgia – O Banquete está em ordem?

Viajara – Sim, milorde.

César Bórgia – Acompanhe-me.

(Entram na sala do Banquete)

César Bórgia – Perfeito! Perfeito! Diga-me, Viajara, onde está Sentaki e Costanua?

Viajara – Estão bem aqui, milorde.

Costanua – Mandou nos chamar, patrono?

César Bórgia – Ah! Aí estão vocês. Prestem muita atenção, assim que os convidados estiverem presentes, eu baterei duas palmas. Duas palmas somente, e eu espero que somente estas duas palmadas sejam o suficiente para fazer você e Sentaki servirem o banquete. Aonde estão seus uniformes?

Costanua – Estávamos nos preparando para nos vestir, patrono.

César Bórgia – Certo. Então vão, preparem-se, não quero que aconteça igual à vez passada, não me decepcionem, desta vez não quero erros!

Costanua – À sua ordem sempre, patrono. Com licença.

(Costanua e Sentaki saem)

César Bórgia – Viajara, vá chamar os convidados.

Viajara – Sim, milorde.

(Os convidados, Leonardo, Maquiavel, Salai, Giuliano e Pernitti entram. Salai senta ao lado de César Bórgia, e Leonardo senta ao lado de Maquiavel, como combinado).

César Bórgia – Sejam todos bem-vindos!

Giuliano – Gratíssimo!

Pernitti – Que assim seja.

Leonardo – Grato.

César Bórgia – Quero, por favor, apresentar Giuliano, um eminente cardeal, para vocês.

Leonardo – Prazer, caro.

Maquiavel – É um prazer honrável.

Giuliano – O prazer é todo meu.

César Bórgia – Agora, quero lhes apresentar outro eminente homem, Pernitti. Amigo meu desde a tenra idade. Fez parte do conselho dos dez e agora está concorrendo, junto com Giuliano, ao meu título.

Neste momento parecia que Maquiavel e Leonardo tinham engasgado. Este convite de um concorrente quase desvendou suas intenções pelas suas faces. O curioso é que Giuliano não pareceu se importar muito, contudo, eu sabia que o mesmo também dera a mesma quantia de importância, a questão é que ele sabia se conter... Ou seria que o próprio achava este caso perdido a ponto de não ter esperanças o suficiente para ficar espantado com a situação? Só o desenrolar do banquete iria dizer...

Maquiavel – Prazer a vós.

Leonardo – Igualmente digo eu.

Pernitti – Prazer.

Maquiavel (à parte para Leonardo) – Leonardo, viu? Teremos que ser muito cautelosos. O homem é amigo íntimo de César, esta batalha será cruel.

Leonardo (à parte para Maquiavel) – E como faremos?

Maquiavel (à parte para Leonardo) – Seguiremos com o plano, no entanto, tudo vai depender da carta que eu pedi para César entregar a Giuliano. Se o mesmo proceder assim, significará que ele tende a levar em conta Giuliano como pretendente. Caso contrário, eu entrarei nas intimidades de César para descobrir suas verdadeiras intenções, afinal, ele não sabe que conhecemos o homem, tampouco da trama maculosa.

Leonardo (à parte para Maquiavel) – Certo. Comportemo-nos, ou ele perceberá os cochichos.

César Bórgia – E quem é este que senta ao meu lado?

Salai – Sou Salai, senhor. Filho adotivo de Leonardo.

César Bórgia – Não pode ser! Teve a honra de ser criado pelo maior erudito destas terras?

Salai – Exatamente, senhor.

César Bórgia – Deve ter aprendido muitas coisas, certo, Leonardo? Ensinou muitas coisas para este menino, Leonardo?

Leonardo – Fiz o máximo que pude, mas ainda assim ele se transvia.

César Bórgia – Há-há-há! É que você fez mal em adotá-lo. Acaso não sabe que é mal de gênio ser péssimo pai?

Leonardo – Estou sabendo agora, em teoria, mas na prática pude perceber a muito tempo.

Salai – Não sou tão libertino assim. Se continuarem a lançarem-me realidades, necessitarei de uma bebida para me embriagar, pois nada melhor que o álcool para nos afugentar de nossos segredos.

César Bórgia – Não fique malhado, estou apenas quebrando o gelo, até porque, negar os nossos impulsos é negar tudo aquilo que nos torna humanos.

Salai – Bravo! Viu só, Leo, parece que tenho finalmente um companheiro para me defender. Que tal bebermos juntos, César?

Leonardo – Salai, mais respeito. Não vê que o banquete ainda não está servido? Aguarde até que seja outorgado. – Parece que meu mestre havia esquecido que deixar o velho embriagado era a minha parte no plano.

César Bórgia – Imagine. Vamos adiante com isto pois também desejo molhar minha boca.

Então César Bórgia, o homem mais poderoso daquelas terras, bateu palma duas vezes. Apenas duas vezes foi o suficiente para seus serviçais entenderem o recado. Bem como havia sido combinado.

De repente, entraram dois rapazes vestidos de mordomo, trazendo inúmeras bandejas com inimagináveis iguarias, certamente a volúpia que ali se continha era algo raro de se ver disponível para um jovem na minha posição. Contudo, o que realmente

me deixou tenso foi a presença de Costanua. Aquilo era uma miragem, ou realmente era o safado em pessoa? Bom, eu sei que ele trabalhava para César, mas também tenho a devida convicção de que o mesmo tinha milhares de empregados à disposição. Como podia ter tanto azar, a ponto de ter aquela maldita presença, mesmo que por instantes, naquele ambiente? Pouquíssimo tempo da sombra dele foi o suficiente para me importunar. Até tentei me esconder, mas, mal mirou os olhos em mim e já veio aproximando a bandeja bem perto, de propósito, para poder falar-me à parte.

Costanua (à parte para Salai) – Peça para ir ao banheiro, ou lhe desmascararei.

Salai – Uau, César, nunca vi uma mesa tão requintada, parabéns!

César Bórgia – Gostou, meu rapaz? Então prove este vinho, pois a muito tem pedido.

Salai – Delicioso, como todo vinho da Itália!

Pernitti – Não é à toa que os vinhos de Florença são os mais famosos do mundo!

César Bórgia – Exatamente, Pernitti, exatamente.

Salai – Por gentileza, necessito ir ao banheiro.

César Bórgia – Mas já? Nem começaste a beber ainda. Sentaki, leve-o ao toalete.

Costanua – Eu o levo lá, senhor.

Salai – Obrigado, meu caro. E quanto a ti, ó, magnífico César, vá bebendo o vinho. Quando eu retornar, apostaremos quem esvazia o copo primeiro.

(Salai e Costanua saem e vão ao banheiro)

Leonardo – Perdoe-me pelo Salai, ele não sabe o que são bons costumes.

César Bórgia – Fique tranquilo, é sempre bom ter um bobo da corte para nos entreter! Por que não bebe conosco, Leonardo?

Leonardo – Eu não bebo, milorde.

-----//-----//-----//-----

Quando eu cheguei próximo ao banheiro, o verme do Costanua começou a me fazer mil interrogações. Quanto trabalho ele ainda iria me dar...

Costanua – Quero saber tudo, tudo!

Salai – Você não quer saber nada, então, pois não há nada para te contar e não sei a que está exatamente se referindo.

Costanua – Ora, não me venha com essa. Acha que sou bobo?

Salai – Sim! Deve ser o bobo da corte, pois está pagando papel de um com estas acusações pretenciosas.

Costanua – Não me venha com esta, Salai. O dinheiro que me deu naquele dia por aquele serviço sujo não foi o suficiente. E, se o serviço não fosse sujo, não teria pago propina para eu entregar aquela carta. E, logo após eu entregar a carta, um dia após, quer dizer, eu vejo você e seu mestre, assim como o diplomata que você já conhecia antes de mim, comendo um belo banquete com meu amo.

Salai – Tudo bem. Vá direto ao ponto, o que quer de mim?

Costanua – Sei que tudo isto não passa de armação. Talvez, se me permite dizer, estejam até mesmo tramando algo de ruim contra meu amo. Se eu não tiver uma recompensa nisto tudo, eu contarei ao César sobre a carta. Meu saber é valioso, não deixarei minhas informações sobre vocês sem permuta.

Salai – Está bem, está bem! Dá-me um minuto, volto já!

Francamente, ter que ir até Maquiavel para perguntar sobre uma rota de fuga desta situação um tanto miraculosa era um pesadelo para mim. Fato é que assim tive que prosseguir. Entrei no Banquete novamente, aproveitando-me da distração do superior na mesa (talvez ele já estivesse bebendo o vinho como eu o forçara psicologicamente). Fui diligentemente até Maquiavel para conversar sobre o enredo que se procedera.

Salai (à parte para Maquiavel) – Maquiavel, depressa! Dá-me uns contos.

Maquiavel (à parte para Salai) – Está louco? Vai nos comprometer.

Salai (à parte para Maquiavel) – Não tenho tempo para isto, existe um pequeno problema, um homem sabe da nossa trama e quer dinheiro para não contar em público, aqui e agora, sobre nosso projeto.

Maquiavel (à parte para Salai) – Ora, seu... O que você causou? Para quem dedurou tudo? Irei dizer para Leonardo, seu... Tome, posteriormente vou querer uma explicação, está me ouvindo?

Peguei os contos e voltei para onde Costanua estava. É claro que César ficou olhando um tanto quanto torto, mas ele não estava nem aí! Estava pouco se lixando para o que eu estava aprontando. Acabou que Leonardo, sem saber, fez uma boa ação para o projeto ao fazer com que César soubesse da minha natureza irrequieta.

Quanto a esta trama (que na verdade se enraizava apenas entre Maquiavel e Leonardo, emigrando para o tal do Giuliano, que pouco fazia, mas que seria o mais bem sucedido de todos, caso desse certo), eu estava totalmente enfezado, pois, francamente, era eu quem mais ajudava e dava conta de todas as intempéries, porém, logo eu era o que mais recebia sermão de todas as partes. E, para completar, eu não receberia benefício algum!! Com exceção, claro, do benefício que seria meu mestre conseguir uma bela pintura, com a permissão de Maquiavel, e se livrar de um homem que ele temia e cujas ações depreciava. Contudo, minha pessoa em particular não estava ganhando nada com tudo isto. Tudo o que ganhei foram uns trocados de Giuliano para entregar a carta ao César, dos quais ele nem sabia ter eu desviado um pequeno valor, o qual acabou precisando ser gasto todo em alimento, justamente pelo felizardado do Costanua ter me deixado no pernoite com a barriga esvaziada esperando pela sua presença conspurcada. Agora pelo menos posso escrever tudo o que se passou para que, um dia, quem sabe, eu seja reconhecido por alguma coisa. Afinal, não sou artista, tampouco diplomata, mas, contribui para o sucesso de dois destes em uma determinada fase da vida.

Salai – Aqui está seu dinheiro!

Costanua – Me dê o resto!

Salai – A que quantia se refere?

Costanua – Àquela que está contida em seu bolso. Não se faça de tolo, vi você guardando um valor parcial que me pertence!

Salai – Eu... Bem...

Costanua – Anda, entregue para mim! – Fez moção de avanço.

Salai – Está bem! Está bem! Tome! Trapo...

Costanua – Grato. Mais uma vez foi bom fazer negócios contigo, minha boca agora é um túmulo.

Salai – Que seja!

Estão vendo? Mais uma vez quem ficava com o dinheiro inteiro era Costanua, não sobrava nada para mim! Ainda assim, não tardei para voltar meu foco e minha atenção para a missão. Retornei ao banquete e me certifiquei de que César estava se embriagando.

-----//-----//-----//-----

Salai – Então, César, vejo que não conseguiu secar o copo antes de meu retorno. E olha que demorei.

Maquiavel – Não seja tolo, César já está no segundo.

César Bórgia – Terceiro! Se me permite! Há-há-há!

Salai – Então devo beber depressa para alcançar o senhor.

César bórgia – Certamente. Agora, acredita, Salai, que eu pedi para seu pai beber e o mesmo disse que nunca enfiou um gole de vinho na boca?

Salai – Obviamente, meu amo além de não beber, não come praticamente nada que está nesta mesa.

Leonardo – Apenas frutas e vegetais, se for mais singelo esclarecer.

César Bórgia – Eu já sabia, e por isto pedi para também colocarem estas particularidades aqui neste Banquete portentoso. Sabe, Salai, seu amo tem comportamentos excêntricos, talvez seja daí que ele tira suas magistras ideias. Alguns até especulam que Leonardo vive de luz, imagine.

Salai – Seria possível, minha alteza. Ele se alimentou da luz do sol por 4 anos, quando ficou isolado sob uma gruta, a fim de obter os verdadeiros conhecimentos.

César Bórgia – Há-há-há! Estão ouvindo isto? O garoto é bom com lendas!

Salai – Não é uma lenda, vossa alteza, ele assim me falou.

César Bórgia – Leonardo lhe contou uma Estória para dormir, e você dormiu até hoje sob ela.

Salai – Há-há-há! Não só me contou, milorde, eu vi com meus próprios olhos.

César Bórgia – Esteve com ele na gruta?

Salai – Exatamente.

César Bórgia – E como se alimentava, então, espertinho?

Salai – Eu me alimentava de sol também, ora.

César Bórgia – Aham, mentiroso!

Salai – Há-há-há! Brincadeira, enquanto ele se alimentava de sol, eu vivia de frutos deixados pelas árvores nos arredores.

César Bórgia – E no inverno?

Salai – Há-há-há! Eu jejuava e caçava as presas menores e mais indefesas. Sabia que no inverno existem inúmeros caçadores tentando sobreviver em determinadas regiões cujas áreas circundantes apresentam condições bastante limitadas?

Leonardo – Salai, chega.

Salai – Perdão, meu amo.

César Bórgia – O garoto estava quase me convencendo! Há-há-há!

E todos riram juntos. Tenho certeza que convenceria o velho bode a acreditar nesta minha mentira. A-há! Peguei estes velhos doutos. Eu mesmo criei minha própria técnica de mentiras. Leonardo mal imaginaria que “o discípulo superou o mestre”. Mas, neste caso, superei Maquiavel, criando minha própria artimanha. Eu gosto de chamá-la de: “Técnica da Mentira sobre Mentiras”.

A técnica da Mentira sobre Mentiras funciona assim: caso seja pego em uma mentira, ria (por vezes) e cinicamente invente outra mentira por cima. Talvez o inimigo continue achando que é mentira, nesse caso, então, encubra a segunda mentira apenas com um acréscimo... Não minta em cima da segunda mentira, apenas “explique melhor” ela, mudando o contexto para que o inimigo pense que você se expressou mal. Neste ponto, ele nem lembrará mais da primeira mentira, e, se ainda assim perceber que está mentindo, continue mentindo em cima de outras mentiras, explicando-as com desculpas esfarrapadas, até que uma hora ele se ludibriará, porque a mentira quando repetida mil vezes torna-se verdade. Esta técnica é útil com pessoas facilmente influenciadas.

Admito, consegui elaborá-la por ser um completo mentiroso, uma pessoa disposta a blefar por natureza. Não obstante, depois que desenrolei essas Estórias fantasiosas acho que gerei um enorme peso sobre os demais, pois finalmente vi Giuliano, Maquiavel e Leonardo entrando em ação.

César Bórgia – Amigos, antes de fatiar este Peru gostaria de fazer uma homenagem ao meu grandiosíssimo amigo, que nunca falha, Pernitti! Porque ele nunca me decepcionou, e nunca decepcionou ninguém da minha família!

Maquiavel (à parte para Leonardo) – Veja, Leonardo, uma indireta para o nosso Giuliano.

Leonardo (à parte para Maquiavel) – Sim, posso ver. Espero sinceramente que a coisa não esfrie.

Penitti – Viva!

Salai – Viva Pernitti!

César Bórgia – Meu louvor provém de todo o seu merecimento!

Penitti – Que isto, meu caro Bórgia, não é para tanto!

César Bórgia – Ah, se é! Você é digno deste gracejo, pois, como diria Epicuro: “Os maiores veleiros devem sua reputação a grandes tempestades”.

Maquiavel (à parte para Leonardo) – Viu só? Ele está provocando Giuliano!

Leonardo (à parte para Maquiavel) – Sim, posso ver claramente!

Giuliano – E como corroboraria seu próprio pai, que foi homem mais honrável ainda: “Veleiros grandes, em mar tranquilo, andam devagar”.

Leonardo (à parte para Maquiavel) – Diga-me, rápido, foi boa esta investida?

Maquiavel (à parte para Leonardo) – Era para ter sido, pois assim ele tentou demonstrar que ao invés de ter tido qualquer tipo de rivalidade com o já padecido pai de Bórgia, teve na verdade afinidades. Mas, a mentira não se mostrou convincente: veja a cara esbaforida de Bórgia. Certamente algo bom não virá.

César Bórgia – Basta! – Bate na mesa com força, todos se inquietam. – Acaso se esqueceu da rivalidade que emergiu entre você e meu amado pai? Devo lembrar-lhe das consideráveis vezes em que um tentou derrubar o outro, e, como se não bastasse, do que você teve que suportar, merecidamente, depois de ter tentado matá-lo?

Maquiavel – Milorde, se me permite interromper, a Estória por trás da tentativa de envenenamento do seu pai é deturpada, e...

César Bórgia – Deturpada? Como ousa dizer isto? Se assim fosse, não teria Giuliano tido a pena que teve naqueles anos e anos longínquos.

Maquiavel – César, sabe que a muito lhe admiro, pois na guerra não há grande empreendimento que não pareça pequeno perto de você, e na sua busca por glórias e ganhos nunca mostra vestígios de medo, perigo ou cansaço. Todos sabemos que você chega a um lugar antes que saibam que deixou o anterior. Seus guerreiros o amam, reuniu em torno de si os melhores homens da Itália. Estas coisas o tornam vitorioso e extraordinário.

Porém, se me permite dizer, está equivocado quanto a estes últimos pontos sobre seu genitor.

César Bórgia – Para receber adulações como estas em momento tão oportuno, só mesmo tendo ao lado alguém que leu um tratado como o De Oratore, de Cícero, mas, para mim, isto se encerra aqui, e, caso continue, entenderei isso como uma tentativa de encerrar minha discussão com Giuliano, sendo cúmplice.

Agora, Giuliano, responda novamente minha pergunta.

Giuliano – E qual seria ela mesmo?

César Bórgia – Acaso esquece, no momento em que traça elogios para meu pai, que você e o mesmo foram rivais no passado? – César dá uma gorgolada no vinho.

Giuliano – Por que acredita que o tempo não é capaz de nos mudar e nos fazer seres arrependidos?

César Bórgia – Duvido muito que seus anos de exílio tenham lhe feito esquecer! – Dá outra gorgolada no vinho.

Giuliano – De que serve o isolamento, se não para o exercício da reflexão que comumente leva ao ato de perdão e arrependimento movedor?

César Bórgia – Então você diz se arrepender...

Giuliano – Porventura, se me encontro sentado aqui, diante de você e dos solenes amigos, seus partidários, teria eu alguma gota de ódio no copo sem que o mesmo não estivesse seco?

César Bórgia – Hm, talvez eu deva pensar melhor, talvez você tenha razão. Se for assim, devo ter exagerado quanto às questões. Peço perdão, eu necessitava sanar minhas dúvidas, visto que a sua proposta contida na carta foi muito convidativa. – Bórgia bebe o que restou do vinho. – Costanua, traga-nos mais vinho! Anda, depressa!

Giuliano – Eu entendo perfeitamente, magnífico César. Necessitávamos deixar essas coisas esclarecidas.

Salai – É! Vá! Costanua, traga vinho. Vá depressa! Vejo que seu serviço não é tão eloquente...

Leonardo (à parte para Maquiavel) – Veja, parece que Giuliano conseguiu vencer esta questão. Foi muito esperto ele, fez até mesmo o caro César falar positivamente a respeito da carta.

Maquiavel (à parte para Leonardo) – Sim; neste ponto Giuliano fez questão de utilizar uma técnica que eu ensinei pra ele: a “técnica das múltiplas perguntas”. Esta consiste em responder uma pergunta com outra por cima, tal como Jesus fazia. Se o alvo ficar colérico e exigir uma resposta para a pergunta que lhe fez, percebendo que você está desviando o foco, você o questiona com outra pergunta inteligente, em cima da pergunta ou do argumento do mesmo, e não se deve cessar as perguntas em cima de perguntas até que o alvo esqueça do fato de você estar lhe desviando a atenção.

Leonardo (à parte para Maquiavel) – Muito interessante. No entanto, será que ainda não se encontra, César Bórgia, aborrecido?

Maquiavel (à parte para Leonardo) – Ah, com certeza, com certeza. Disto não tenho dúvidas. Mas seu filho está fazendo bom papel, veja, o velho já está bêbado!

César Bórgia – Então, Salai, beba comigo!

Salai – Maior prazer, impossível.

César Bórgia – Esse é meu garoto! Deve se orgulhar muito de Leonardo.

Salai – Com toda certeza.

César Bórgia – O que achou da ideia de construção da igreja em formato octogonal, com uma cúpula central rodeada por oito capelas idênticas, tida pelo teu amo?

Salai – Esplêndida, senhor. – De novo esta pergunta? Toda vez alguém me perguntava isto. “Igreja em formato octogonal. Igreja em formato octogonal”. Eu já havia gravado a resposta que daria: “Esplêndida, senhor”. E todos sempre acreditando que era um jovem gentil.

César Bórgia – De fato existem pessoas que vieram ao mundo para fazer coisas produtivas, diferentemente de outras que, não importa se foi no passado, cometem iniquidades que são afrontas aos familiares de quem foi atingido.

Giuliano – Novamente este assunto? Pensei que o havíamos saciado.

César Bórgia – Alexandre, meu pai, não o saciaria tão facilmente; tampouco eu deveria fazer o mesmo.

Maquiavel – Amado César, digno de honrarias tais como as por mim concebidas a pouco, esqueçamos as teorias de Cícero, e coloquemos nossas emoções no Banquete, visto que aqui se encontram à flor da pele.

Todavia, devo agora entrar novamente no debate, desta vez não com intromissão, mas como um amigo. Você sabe que sou um eminente observador, e tanto sabe que concordou com todas as características elogiosas que eu fiz para você, portanto, devo fazer um adendo: é vedado ao homem saber tudo sobre si mesmo, o que faz com que esqueçamos muitos pormenores de nosso passado e da nossa memória.

César Bórgia – Diga sem temor.

Maquiavel – O fato é que você está sempre procurando um defeito nos outros. E, entre todos aqui, mirou no pobre Giuliano que, parecendo votar grande admiração, transpira paciência em meio aos temporais.

César Bórgia – Eu, colocar defeito nos outros? Nunca!

Maquiavel – Infelizmente, caro César, é uma coisa que pratica amiúde. Não que seja algo particular de você mesmo, o que acredito não ser, mas nos últimos momentos em que passamos juntos esta foi uma das minhas preocupações. Ao notar como este

juízo vem aos poucos criando raízes, é que digo humildemente, para vossa alteza, a respeito dele, para que assim, com virtude, possa retirar de si o caule!

César borgia – Está desafiando minha palavra?

Maquiavel – De modo algum, divino César. No entanto, é mais digno de receber confiança quanto à veracidade aquilo que advém de um estado lúcido do que aquilo significado nas palavras proscritas em momentos em que o álcool se faz prevalecer. Peço, com gentileza, que reconsidere minhas observações. Admitir um erro é algo louvável e produto primeiro da inteligência.

César Borgia – Você concorda com isto, Leonardo?

Leonardo – Bom, visto que Aristóteles criticava consideravelmente a intemperança, e que neste momento deveríamos nos servir de distrações, até por alguns entre nós estarem degustando um bom vinho, eu devo concordar.

Maquiavel – Viu só, César; se Leonardo concorda, quem somos nós para discordar? Afinal, você não se lembra de estar sempre colocando defeito nos outros?

César Borgia – De maneira nenhuma, homem!

Maquiavel – Então reconsidere, pois talvez a memória esteja fraca pelo excesso de vinho, que expurga qualquer lembrança sã mesmo dos espíritos mais vivazes!

Neste exato momento Maquiavel percebeu ter revertido uma questão que estava colocando seus planos em risco iminente. Ele fizera uso de uma técnica que raramente utilizava em outras ocasiões, mas que lhe servia de praxe em banquetes e reuniões discretas. A técnica: “Aproveitando-se da fraca memória ou do ser altamente emocional” → Quando o alvo carecer de boa memória ou ser alguém emotivo, colocar um juízo falso generalizado no passado. Ex.: “Você está sempre procurando um defeito nos outros”. Se ele não tiver boa memória (ou for intemperante), não conseguirá provar o contrário, e, caso tente, o atacante deve mencionar a fraca memória do mesmo ou sua intemperança, a ponto do alvo se ver impedido de defender seu lado, por não saber se são verdadeiras ou falsas as acusações e não ter argumentos do passado que provem que ele é o contrário. Se for muito sentimental, ficará em cólera consigo mesmo por não aceitar que ele mesmo seja assim, e perderá a razão.

Agora, o que se prosseguiu foi o seguinte: Maquiavel fez com que César Borgia assumisse seu erro, – na verdade ele não estava errado, mas sim fora manipulado a acreditar que estava – e Giuliano aproveitou-se desta situação para utilizar uma outra técnica que Maquiavel o ensinara: A “Técnica do ataque ao errante” → Deve-se mostrar à pessoa que se quer manipular que ela está errada sobre algo, ou então, quando a mesma perceber que errou ou se enganou em algo, deve-se aproveitar a oportunidade: logo após ela assumir o erro, deve-se manipulá-la para o seu proveito, pois ela não irá contestar sua mentira ou aquilo ao que você tenta induzi-la, pois essa pessoa, envergonhada por seu erro anterior, não vai querer correr o risco de errar novamente

contigo e julgá-lo em falso (no caso não seria realmente um falso julgamento, pois você estaria realmente a manipulando).

Essas duas técnicas citadas acima têm mais eficiência no caso de estarem ambos em público.

César Bórgia – Talvez você tenha razão e eu deva assumir meu erro, se este for o caso, e eu realmente seja como disse, então eu digo... Minhas desculpas, caro Giuliano, por esta cena toda. O vinho me subiu à cabeça e, em troca, irei lhe recompensar no futuro.

Giuliano – Está certo, está certo, mas eu espero do fundo de meu coração que você tenha consciência de que toda vez que bebe muito faz coisas pelas quais se arrepende.

César Bórgia – É... Bom, talvez.

Giuliano – E que, sendo assim, admite agora que qualquer rivalidade entre mim e seu pai foi em um passado tão remoto que se tornou irrelevante...

César Bórgia – É, admito.

Giuliano – Então vamos esquecer tudo isto, pois o que interessa é minha admiração por você, bem como tudo o que prometi fazer-lhe caso você me tome como prometido.

Pernitti – E não se esqueça de mim também, caro César; tenhamos em mente que a amizade mais valente é a antiga, e não aquela formada no agora.

César Bórgia – Fiquem tranquilos, todos, pois meus votos serão alvo de muita filosofia. E, agora, para terminarmos este banquete honrável, molhemos o bico com muito vinho!

Salai – Viva César!

Maquiavel – Viva!

Leonardo – Viva!

Pernitti e Giuliano – Viva!

César Bórgia – Costanua, Sentaki, Viajara.

Os três – Milorde?

César Bórgia – Retirem as iguarias.

Senhores, foi uma honra imensa, certamente terá retorno... Agora necessito com urgência tratar de coisas do estado. Com licença.

Leonardo (à parte para Maquiavel) – Nada bom... Ele não entregou a carta como você pediu, isso significa que ele não vai optar por Giuliano. Terei que trabalhar por delongas para um tirano.

Maquiavel (à parte para Leonardo) – Jamais deixarei Florença sucumbir. Irei falar com ele pessoalmente.

-----//-----//-----//-----

(Maquiavel vai até o salão principal, onde César Bórgia, sozinho, se encontra)

Maquiavel – Peço licenças, Milorde.

César Bórgia – Como meu conselheiro particular, você bem sabe que não precisa pedir licença.

Maquiavel – Muito honrado fico sempre.

César Bórgia - Diga-me, o que lhe acomete?

Maquiavel – Vim lhe lembrar, milorde, da promessa que me fez, penhorando nisso a honra e a palavra: falo da carta que ficou de entregar para Giuliano, com o intuito de induzi-lo a cumprir suas promessas, podendo o pôr, assim, sobre teu cargo. E, se venho, é sobretudo porque acredito consideravelmente que vossa senhoria tenha esquecido de dar-lhe. Então, para nos favorecermos daquilo, pois vossa Alteza só tem a ganhar, te peço para a carta entregar.

César Bórgia – Como derrubaremos os muros de Pisa e resgataremos esta herança frutífera para a Itália? – Pensando alto e mudando de assunto.

Maquiavel – Que responde Vossa Grandeza frente ao meu pedido justo?

César Bórgia – Todos os dias espero afoito que as estratégias para recuperar Pisa deem certo. – Pensando alto.

Maquiavel – Milorde!

César Bórgia – Até porque... Muito se sabe sobre o quanto os bárbaros têm judiado daquela pobre cidade... – Pensando Alto.

Maquiavel – Prometeu, milorde, que, a carta, entregaria...

César Bórgia – Décadas! Tempo demais para quem espera ansioso! – Pensando Alto.

Maquiavel – Milorde!

César Bórgia – Sim?

Maquiavel – Tenho a ousadia de lembrar Vossa Graça da promessa que foi feita.

César Bórgia – Bem; que horas são?

Maquiavel – Talvez dez horas, não sei ao certo.

César Bórgia – É hora de tratar dos assuntos do Estado.

Maquiavel – Diga apenas se o quer ou não.

César Bórgia – Não...

Maquiavel – E por que não?

César Bórgia – Não fiquei totalmente satisfeito com Giuliano, devido aos problemas com meu prezado pai que lhe acometeram no passado.

Maquiavel – De novo este assunto? Pensei que tivesse resolvido.

César Bórgia – Resolvido ficou enquanto o álcool incitava a veia percorrida, mas agora, não mais com vertigem, minha visão se encontra como outrora: em guarita.

Maquiavel – E qual opção tomou?

César Bórgia – Tenho outro em vista, você já deve saber.

Maquiavel – Pernitti?

César Bórgia – Exatamente. Ele é companheiro desde idades tenras, eu não poderia olhá-lo com indiferença. Porém, se não fosse pelo mesmo, eu optaria pelo Giuliano. Mas só faria tal opção pela proposta contida na carta ter sido bastante vantajosa, pois não gosto deste Giuliano nem um pouco e não engoli as falsidades do mesmo quando disse que não tinha mais nenhum ódio pela alma do meu velho pai sucumbido.

Maquiavel – Ma... Ma... Mas...

César Bórgia – Sinto muito... Agora realmente preciso ir.

Então César Bórgia foi se retirando. Maquiavel, que nunca se dava por vencido, muito rapidamente retirou uma folha velha com algumas escrituras de seu bolso. Era

uma técnica que ele sabia que tinha que utilizar naquele momento, e a qual, até ali, não tinha lembrado que guardava na manga. Na carta estava escrito:

“TÉCNICA DA MODIFICAÇÃO APÓS UMA CONCORDÂNCIA → Quando a pessoa discorrer sobre um assunto de maneira com a qual você não concorda, e você quiser fazer ela mudar para a sua ideia, deve:

**Concordar sobre o assunto, mostrando euforia ligada ao quanto o assunto é importante; é de suma importância dar uma tensão exagerada ao tema, e encher o ego do alvo, mostrando que concorda veementemente com seus pontos de vista, especialmente quando a vítima tender a querer que concordem e quiser por livre e espontânea vontade demonstrar que está correta ou ensinar algo que os outros não saibam.*

**Modificar repentinamente o ponto de vista que está sendo comentado com felicidade, agregando a sua opinião, a qual quer colocar junto à da pessoa.*

**Mostrar, antes do alvo interferir, o quanto a ideia ‘dele’ que foi modificada é algo onipotente, e fazer ele se sentir orgulhoso por isso.*

Importante Ressaltar: A ideia dele modificada para a sua deve ser atribuída, ainda assim, como sendo dele, para não atacar e nem ferir seu ego, ou dispendar sobre ele qualquer indício de que esteja sofrendo uma manipulação.”

Maquiavel – César Bórgia, espere!

César Bórgia (parando) – Diga-me depressa desta vez, pois quando digo que tenho muitas coisas para fazer, eu falo sério.

Maquiavel – Desculpe continuar lhe importunando, apenas quero dizer que concordo totalmente com a sua escolha de optar pelo Pernitti.

César Bórgia – Concorda?

Maquiavel – Sim! Sim! Quero dizer... É perfeito! Concordo com simplesmente tudo, agora eu penso, você foi realmente muito esperto, muito esperto! Tão esperto que deixou despercebido para mim o porquê de estar fazendo isto tudo. Mas agora entendo...

César Bórgia – Viu só? É o que eu estava dizendo mesmo, é mais seguro escolher Pernitti.

Maquiavel – Exato! Conhece-o a mais tempo. Faz todo o sentido. Você utilizou o Banquete justamente para analisar os dois e ver como reagem, a fim de saber quem é correto escolher.

César Bórgia – Exatamente, foi isto que eu fiz!

Maquiavel – Muito inteligente, muito inteligente; justamente para, depois do Banquete, só resolver entregar a carta para Giuliano quando tiver total certeza de que será ele.

César Bórgia – Bem... Quanto a isto eu já estou decid (...) – Maquiavel o interrompe.

Maquiavel – Eu estou orgulhoso de você! Como sua ideia é brilhante! Agora podemos ficar de olho no Pernitti como primeiro alvo, mas, caso ele faça alguma coisa que seja infundada, podemos também entregar a carta para Giuliano e ficar com ele como opção. Foi uma atitude digna dos grandes, assim, como você é!

César Bórgia – Fico feliz em saber que entendeu o plano. Agora vou indo. Adeus!

Maquiavel – Adeus!

Então César Bórgia foi por uma porta e Maquiavel foi por outra, retornando ao local onde se encontravam os outros.

(Maquiavel retorna)

Maquiavel – Onde está Giuliano?

Salai – Ele foi embora, e Pernitti também.

Maquiavel – Foi um fracasso, mas pelo menos consegui algumas informações valiosas.

Leonardo – Como qual, por exemplo?

Maquiavel – César Bórgia optará por Giuliano caso Pernitti deixe de ser um partidário.

Leonardo – E ele deixará de ser?

Maquiavel – Nunca!

Leonardo – Então o que faremos?

Salai – Quer que eu mate Pernitti, senhor? Meu preço é justo.

Leonardo – Salai, basta!

Maquiavel – Me encontrem amanhã atrás do Teatro onde foram recitados os poemas de Homero no ano passado. Tenho uma ideia.

Salai – Espero que acabe com vitória ufana.

Leonardo – Vai dar certo!

MENTIRAS

MENTIRA SOBRE MENTIRAS → Caso seja pego em uma mentira, ria (por vezes) e cinicamente invente outra mentira por cima. Talvez o inimigo continue achando que é mentira, nesse caso, então, encubra a segunda mentira apenas com um acréscimo... Não minta em cima da segunda mentira, apenas “explique melhor” ela, mudando o contexto para que o inimigo pense que você se expressou mal. Neste ponto, ele nem lembrará mais da primeira mentira, e, se ainda assim perceber que está mentindo, continue mentindo em cima de outras mentiras, explicando-as com desculpas esfarrapadas, até que uma hora ele se ludibriará, porque a mentira quando repetida mil vezes torna-se verdade.

Essa técnica é mais útil com pessoas facilmente influenciadas.

TEORIAS

APROVEITANDO-SE DA FRACA MEMÓRIA OU DO SER ALTAMENTE EMOCIONAL → Quando o alvo carecer de boa memória ou ser alguém emotivo, colocar um julgamento falso generalizado no passado. Ex.: “Você está sempre procurando um defeito nos outros”. Se ele não tiver boa memória (ou for intemperante), não conseguirá provar o contrário, e, caso tente, o atacante deve mencionar a fraca memória do mesmo ou sua intemperança, a ponto do alvo se ver impedido de defender seu lado, por não saber se são verdadeiras ou falsas as acusações e não ter argumentos do passado que provem que ele é o contrário. Se for muito sentimental, ficará em cólera consigo mesmo por não aceitar que ele mesmo seja assim, e perderá a razão.

MANIPULAÇÕES

TÉCNICA DAS MÚLTIPLAS PERGUNTAS → Esta consiste em responder uma pergunta com outra por cima, tal como Jesus fazia. Se o alvo ficar colérico e exigir uma resposta para a pergunta

que lhe fez, percebendo que você está desviando o foco, você o questiona com outra pergunta inteligente, em cima da pergunta ou do argumento do mesmo, e não se deve cessar as perguntas em cima de perguntas até que o alvo esqueça do fato de você estar lhe desviando a atenção.

TÉCNICA DE ATAQUE AO ERRANTE → Deve-se mostrar à pessoa que se quer manipular que ela está errada sobre algo, ou então, quando a mesma perceber que errou ou se enganou em algo, deve-se aproveitar a oportunidade: logo após ela assumir o erro, deve-se manipulá-la para o seu proveito, pois ela não irá contestar sua mentira ou aquilo ao que você tenta induzi-la, pois essa pessoa, envergonhada por seu erro anterior, não vai querer correr o risco de errar novamente contigo e julgá-lo em falso (no caso não seria realmente um falso julgamento, pois você estaria realmente a manipulando).

TÉCNICA DA MODIFICAÇÃO APÓS UMA CONCORDÂNCIA → Quando a pessoa discorrer sobre um assunto de maneira com a qual você não concorda, e você quiser fazer ela mudar para a sua ideia, deve:

*Concordar sobre o assunto, mostrando euforia ligada ao quanto o assunto é importante; é de suma importância dar uma atenção exagerada ao tema, e encher o ego do alvo, mostrando que concorda veementemente com seus pontos de vista, especialmente quando a vítima tender a querer que concordem e quiser por livre e espontânea vontade demonstrar que está correta ou ensinar algo que os outros não saibam.

*Modificar repentinamente o ponto de vista que está sendo comentado com felicidade, agregando a sua opinião, a qual quer colocar junto à da pessoa.

*Mostrar, antes do alvo interferir, o quanto a ideia 'dele' que foi modificada é algo onipotente, e fazer ele se sentir orgulhoso por isso.

Importante Ressaltar: A ideia dele modificada para a sua deve ser atribuída, ainda assim, como sendo dele, para não atacar e nem ferir seu ego, ou dispendar sobre ele qualquer indício de que esteja sofrendo uma manipulação.

CAPÍTULO VII

ÚLTIMA MANIPULAÇÃO

7. ÚLTIMA MANIPULAÇÃO

Leonardo – Aqui estamos.

Maquiavel – Chegaram exatamente na hora.

Leonardo – Na hora de quê?

Maquiavel – Daquilo...

Leonardo – Onde?

Maquiavel – Ali!

Leonardo – Onde? Não vejo.

Maquiavel – Bem ali!

Leonardo – Cadê? Está vendo algo, Salai?

Salai – Não, senhor. Não vejo nada. – Maquiavel direciona as cabeças de Leonardo e Salai.

Leonardo – Por Cristo! É Pernitti, bem próximo?

Maquiavel – Exatamente.

Leonardo – Mas que diabos... O que ele está fazendo?

Maquiavel – Ele faz compras ali na feira toda manhã.

Leonardo – Como você sempre sabe de tudo?

Maquiavel – Tenho minhas fontes, sou homem influente, esqueceu?

Leonardo – Diga-nos, qual a ideia?

Maquiavel – Por que vocês acham que eu os trouxe aqui?

Salai – Para matar Pernitti!

Maquiavel – Não, seu imbecil. Trouxe-lhes para manipularmos o mesmo para desistir da sua candidatura ao posto de César.

Leonardo – E como faremos isso?

Maquiavel – Utilizaremos sobretudo a “Técnica das Estórias Contadas por Atores”.

Salai – Lá vai...

Maquiavel – A “Técnica das Estórias Contadas por Atores” consiste nisto: deve-se contratar pessoas para espalharem Estórias falsas, com o objetivo de fazerem elas chegarem no ouvido do alvo. A Estória deve ser elaborada com o intuito de ludibriar o alvo, levando-o a tender a fazer o que se deseja. Todavia, o manipulador nunca deve comentar a Estória com o alvo antes que ela chegue no ouvido dele por outras pessoas: ela precisa chegar nele por outros para que depois o manipulador possa assumir uma postura de quem não sabia dos fatos concebidos por terceiros, e apenas está adentrando nos mesmos valores da Estória falsa por coincidência. Essa postura é muito útil para realçar o convencimento da vítima quanto à fidedignidade da Estória que lhe propagaram, mesmo quando esta for falsa.

Leonardo – E quem será esse ator?

Maquiavel – Ora, quem será, quem será!? Salai, é claro!

Salai – Eu? Por que eu, meu senhor? Ah não, eu não. Não sou bom ator. O que vou ganhar em troca deste sacrifício?

Maquiavel – A honra; o quadro que seu pai irá pintar e a expurgação de um tirano do poder.

Salai – Não é um preço justo!

Maquiavel – É mais do que justo, e sabe porque, Salai?

Salai – Por que?

Maquiavel – Porque você está precisando de uma honra em sua cabeçaria; e se digo isto é justamente porque andei percebendo que você mente muito.

Salai – Eu? Minto muito?

Maquiavel – Sim, você está o tempo todo mentindo, Salai. Isto é algo contraproducente na vida de qualquer pessoa, e você deve mostrar mais glória.

Salai – Eu não sou assim!

Maquiavel – Ah, sim, você é. Não é, Leonardo?

Leonardo – Sim, ele é.

Salai – Não sou não!

Maquiavel – É sim...

Salai – Que seja! Me passe logo meu papel como ator e o que deverei fazer. Vamos logo acabar com isto.

Estes dois malditos armaram contra mim. Mais tarde Maquiavel me explicou que utilizara uma de suas técnicas prediletas para me convencer a assumir o papel de ator. A princípio ele gosta de nomeá-la como: “Técnica da Mentira Posta no Plural”.

Para que esta artimanha dê certo, é preciso, antes de tudo, colocar em uma discussão uma afirmação de um fato que faz referência a uma característica, de preferência negativa, da vítima – no meu caso, Maquiavel percebeu que eu mentia com certa constância – e deve-se então colocar no plural essa característica, fazendo-a parecer ser algo que já ocorreu várias vezes, mesmo que não. Ex.: uma pessoa mentiu apenas uma vez, e talvez ela nem seja alguém que blefa e apenas age com insinceridade uma vez aqui e outra acolá, mas, nesse caso, o manipulador poderia dizer: “andei percebendo que você mente muito”. Convém salientar que se o manipulador não tiver um arsenal produtivo de caracteres da vítima, ele pode inventar uma mentira sobre alguma referência negativa, fingir que esta pessoa tem esta referência e pluralizá-la. Outro exemplo: “Fiquei sabendo que você anda me criticando para todo mundo”; quando souber que a pessoa fez apenas uma crítica sobre você, você a pluraliza, deixando ela estarrecida e sem palavras pela crítica que lhe fez, e sem poder se defender contra as outras que não fez, mas que você inventou.

Leonardo – Maquiavel, espere. Talvez não seja certo utilizar Salai como ator, está mais do que óbvio que Pernitti vai se lembrar dele, do banquete. E, com ele lembrando, a Estória falseada que Salai vai contar de nada adiantará. Ele vai perceber de imediato, quando ver o mesmo, que tudo isto pode ser uma trama entre vocês dois, pois o mesmo sabe que você conhece Salai e vice-versa.

Maquiavel – Tem razão!

Salai – Me livre!

Maquiavel – E o que faremos agora?

Leonardo – Vamos pagar propina para alguns gentis-homens fazerem este trabalho.

Salai – Iguais a Costanua?

Maquiavel – Você ficou de me dizer o porquê de ter entregado dinheiro para o mesmo no Baquete, quando foi ao banheiro, lembra? Seu...

Salai – Esqueça isso, vamos esquecer isso por enquanto. Leonardo tem razão... Vamos pagar propina para gentis-homens.

Que tal aqueles três? – Apontei para três jovens conversando na rua.

Maquiavel – Aqueles parecem perfeitos. Leonardo, quanto tem?

Leonardo – Dois contos, por que?

Maquiavel – Passe-os para mim, depressa! – Leonardo passa os dois contos – Agora os juntamos com meus quatro contos. Ótimo! Isso dá dois contos para cada. Depressa, Salai, vá chamá-los!

Então eu sai e chamei os três gentis-homens. Maquiavel explicou tudo para os mesmos e juntamente com Leonardo entregaram os contos para os três.

Tudo isso foi feito muito rapidamente, para que ninguém perdesse Pernitti de vista. Assim que o que deveria ser feito foi explicado passo a passo, os três rapazes foram se colocando em cena.

1º Gentil-homem – Você ficou sabendo? – Conversam ao lado de Pernitti.

2º Gentil-homem – Não. O que houve?

1º Gentil-homem – É terrível, é terrível!

2º Gentil-homem – Diga-me, o que houve?

1º Gentil-homem – São os rumores sobre o que acontecerá com quem assumir o posto de César Bórgia. – Pernitti dobra a atenção.

Maquiavel (à parte para Leonardo) – Veja, Leonardo! Veja como Pernitti dilata sua pupila perante a conversação de nossos atores.

Leonardo (à parte para Maquiavel) – Tem razão, posso ver! Vai dar tudo certo desta vez.

2º Gentil-homem – E o que acontecerá com quem assumir o posto?

1º Gentil-homem – Contam por aí que seja lá quem for quem assumirá o trono: para este seria melhor ter ficado com seu cargo anterior e digno, honrável e que saciava qualquer um com o salário, do que assumir o posto de César, acreditando que vai ter muito mais honras e dinheiro.

2º Gentil-homem – E por que falam isto?

1º Gentil-homem – Justamente porque César Bórgia tem planos que visam pagar propina para assassinos matarem quem assumir seu posto, para que possa ele retomá-lo em seguida, visto que seu prazo está espirando, e o muito digno César almeja perdurar por mais tempo no poder. Ele, como vice e antigo nesta colocação, terá direito exclusivo ao retorno.

2º Gentil-homem – Ah! Então você fala desta Estória? Não, não, não. Não é bem assim. – Pernitti se alivia. – Ouvi dizer que seu plano não é mandar matá-lo.

1º Gentil-homem – Então qual é?

2º Gentil-homem – Homem, você acha que César mandaria matar a pessoa que assumiu seu posto? Ele apenas mandaria para um exílio na torre, em total anonimato, e ninguém nunca mais saberia onde está aquele que ganhou esta eleição. – Pernitti volta a ficar temeroso.

(Entra um terceiro Gentil-Homem, as pressas, afoito)

3º Gentil-homem – Rápido, rápido!

1º e 2º Gentil-homem – O que se passa?

3º Gentil-Homem – Os boatos se concretizam! Venham ouvir o que se retira da boca de um serviçal próximo a César. Ele garante que César, escondido e disfarçadamente, agindo da maneira mais cínica possível, irá mandar degolar quem assumir seu posto, – Pernitti mexe na gola da roupa, sobre o pescoço – e, além disso, fará de tudo para que ninguém perceba suas verdadeiras intenções, de modo tal que só saberão o povo e o azarento do candidato, quando este for eleito. Venham!

(Saem os três Gentis-Homens)

Pernitti – Ó! Pobre de mim, que, com a alma ainda penada, verei meu corpo sendo tosado por inteiro. Ó! Que virtude altiva seria assumir o trono, mas que injustiça deve-se pagar pelo preço da dúvida sobre a veracidade? Tornam-se dúvidas essas conversações de seres sujos por fora. Seriam eles sepulcros maculados? Teria eu que confiar na voz de César? Ou este é, doravante, a carcaça traiçoeira a qual devo temer? A auspícia pode demorar para se concretizar nas ações ufanas de um sonhador. Ó! Pobre de mim, injuriado com a incógnita sobre qual decisão devo tomar.

Maquiavel (à parte para Leonardo) – Está vendo como seu discurso faz-se monólogo?

Leonardo (à parte para Maquiavel) – Vejo perfeitamente.

Maquiavel (à parte para Leonardo) – Agora irei entrar em cena. Vou utilizar a técnica da: “Alteração da voz conforme o contexto” → um homem que começa um discurso pode alterar o tom da voz conforme a passagem do discurso. Ex.: se ele vai falar de algo que é impressionante, ele aumenta o tom da voz nessa hora. Se ele quer que o ouvinte fique submisso a ele e que suas ideias não sejam confrontadas, aumenta a voz e a articulação e impede a pessoa de contra argumentar.

Leonardo – Eu e Salai assistiremos daqui.

(Maquiavel se aproxima de Pernitti)

Maquiavel – Você está bem, Pernitti? Parece afoito...

Pernitti – Não é nada demais. É apenas que dizem por aí que ontem, à meia-noite, passou um meteoro, e você sabe que meteoro à meia-noite é sinal de mal agouro.

Maquiavel – Tem razão. Talvez seja hora de sermos mais prudentes.

Pernitti – Esse é o problema! Como saber se estamos agindo com diligência?

Maquiavel – Bom, Pernitti, eu sou seu amigo. Jantamos juntos ontem mesmo em uma cerimônia afável para todos, exceto, claro, para o Giuliano, que foi muito confrontado pelo caro César. Não obstante, gostaria de lhe dizer que eu, assim como César, não fui com a cara de Giuliano, não engoli nenhuma de suas juras. Acredito que ele não é digno do trono, desde ontem mesmo eu estive torcendo para que você ganhasse o partido e fosse posto no lugar de César.

Pernitti – Talvez seja isto que está me deixando afoito!

Maquiavel – E talvez o meteoro seja um sinal de algo ruim para quem assumir o posto.

Pernitti – Ouviste algo a respeito?

Maquiavel – Pernitti, você sabe que não posso...

Pernitti – Por favor, Maquiavel, conte-me! É muito importante que eu saiba!

Maquiavel – Por que dá tanta importância? Bom, se bem que você deveria...

Pernitti – Ora, vai, acabou de dizer que gosta da minha pessoa. Diga-me o que sabe.

Maquiavel – Está bem. Eu não posso dizer, se contar para alguém minha vida estará em risco.

Pernitti – Eu juro! Eu juro!

Maquiavel – Vou contar. Estávamos agora mesmo falando sobre prudência, e foi uma sorte considerável eu ter lhe encontrado aqui, agora. O fato é que, lembra quando, no fim do Banquete, eu sai e fui ao encontro de César para falar com ele em particular?

Pernitti – Você foi?

Maquiavel – Não notou que, quando o Banquete terminou e César pediu licença, eu sai rapidamente e fui ao seu encontro?

Pernitti – É verdade.

Maquiavel – Então, tendo César total confiança em mim e deixando algumas particularidades dos assuntos do Estado ao meu alcance, ele resolveu me contar um de seus mais íntimos segredos; e, acredite, eu jamais revelaria segredos de César a alguém, se não fosse unicamente para salvar a vida de um homem pelo qual, recentemente, tive admiração.

Pernitti – Está falando de mim! Tenho certeza. Então César vai prejudicar quem assumir o posto, é isto? Diga-me, é isto? – fala nervosamente.

Maquiavel – Por Cristo! Como sabe?

Pernitti – Como sei não importa! Agora minha vida está em risco.

Maquiavel – César optou por você para ser eleito. Ele me disse isto de primeira mão e eu posso garantir. Ademais, lembre-se das indiretas colocadas no Banquete. Você será o escolhido. No entanto, você corre risco.

Pernitti – O que devo fazer? Meu Deus, malditos azar e sorte, pois o azar me privou de um cargo pomposo e a sorte me salvou da decapitação. Estou desesperado. Maquiavel, meu amigo, me ajude!

Maquiavel – Depressa! Tenho uma chácara aqui em Florença, arranjei um amigo de confiança que lhe levará para lá sobre meus cuidados. Ninguém saberá disto e eu peço que não comunique com nenhum conhecido.

Pernitti – Sim, eu irei!

Maquiavel – Ótimo. Assim que se proceder sua ausência, César Bórgia não terá outra opção senão escolher Giuliano para o trono, pois este é sua segunda opção, ele mesmo me disse isto. E, após o “sumiço” de Giuliano, quando César mandar assassiná-lo, você vai poder retomar suas atividades no conselho dos dez, e nada lhe acontecerá.

Pernitti (com lágrimas nos olhos) – Eu não sei nem como lhe agradecer, Maquiavel!

Maquiavel – Agradeça-me contando-me Estórias sábias no caminho para minha chácara, aprecio muito aprender com a sabedoria dos outros. Venha, siga-me por aqui.

(Maquiavel e Pernitti se retiram)

MANIPULAÇÕES

TÉCNICA DAS ESTÓRIAS CONTADAS POR ATORES →

Deve-se contratar pessoas para espalharem Estórias falsas, com o objetivo de fazerem elas chegarem no ouvido do alvo. A Estória deve ser elaborada com o intuito de ludibriar o alvo, levando-o a tender a fazer o que se deseja. Todavia, o manipulador nunca deve comentar a Estória com o alvo antes que ela chegue no ouvido dele por outras pessoas: ela precisa chegar nele por outros para que depois o manipulador possa assumir uma postura de quem não sabia dos fatos concebidos por terceiros, e apenas está adentrando nos mesmos valores da Estória falsa por coincidência. Essa postura é muito útil para realçar o convencimento da vítima quanto à fidedignidade da Estória que lhe propagaram, mesmo quando esta for falsa.

MENTIRAS

TÉCNICA DA MENTIRA POSTA NO PLURAL → Colocar, em uma discussão, um fato no plural. Ex.: dizer “Andei percebendo que você mente muito”, mesmo que a pessoa tenha mentido apenas uma vez, e talvez nem seja alguém que blefa, e apenas age com insinceridade uma vez aqui e outra acolá.

TEORIAS

ALTERAÇÃO DA VOZ CONFORME O CONTEXTO → Um homem que começa um discurso pode alterar o tom de sua voz conforme a passagem do discurso. Ex.: se ele vai falar de algo que é impressionante, ele aumenta o tom da voz nessa hora. Se ele quer que o ouvinte fique submisso a ele e que suas ideias não sejam

confrontadas, aumenta a voz e a articulação e impede a pessoa de contra argumentar.

CAPÍTULO VIII

FECHANDO COM CHAVE DE OURO

8. FECHANDO COM CHAVE DE OURO

Bem... Amigos... Infelizmente as páginas de meu diário estão acabando. No entanto, é com felicidade que dou a notícia de que a História aqui contida também chegou ao fim.

Tudo o que o caro leitor necessita saber a respeito do que ocorreu após Maquiavel levar Pernitti, é que tudo ocorreu perfeitamente como fora planejado, digo: quanto ao plano, fechamos o mesmo com chave de ouro.

Assim que Pernitti, o bobo, se isolou na chácara de Maquiavel, este fez de tudo para que nenhuma notícia sobre o que estava ocorrendo chegasse até lá. Aliás, fez este trabalho de forma muito fácil: uma vez que a chácara pertencia a ele, ele tinha total controle de quem entrava e saía. Tudo que Nicolau Maquiavel necessitou fazer foi visitar Pernitti de vez em quando, a fim de ir mantendo-o lá até que Giuliano fosse eleito.

Eu não poderia continuar contando a História dando todos os pormenores do que foi feito se não mentisse no meio, pois, acredite, eu não me lembro muito bem do resto, e como não gosto de mentiras, pretendo deixá-la inacabada. No entanto, retenho na memória o principal: me refiro ao efeito que acarretou todo este projeto.

Bem, certo é que ouvi rumores de que Maquiavel, após iludir Pernitti, foi, em sua extrema cara de pau e ousadia, falar com César Bórgia em particular novamente, desta vez com o intuito de dizer-lhe para escolher Giuliano, mas, só sugeriu isto quando soube que César Bórgia já estava a par do “sumiço de Pernitti”. Outro boato que surgiu nesta época foi o de que, mesmo com Maquiavel tendo ido lá e pedido novamente para César escolher Giuliano, coisa que ele tinha dito que faria caso Pernitti desistisse do cargo, César Bórgia de início recusou-se, coisa que Maquiavel não aceitou como agrado (e nem poderia! Uma vez que tivemos todo este trabalho que nos colocou em diversas situações periclitantes; eu também não aceitaria de bom grado a bipolaridade de César ao decidir quanto à questão que – ironicamente – ele já tinha dito como faria mais de uma vez).

Fora os rumores, Giuliano se consagrou ufano no posto de César. Este último cumpriu sua parte no acordo, como Maquiavel havia lhe indicado: ele entregou todas as informações sobre seus parlamentares para Giuliano, até mesmo as confidenciais. Giuliano, de início, cumpriu sua parte do acordo, mas, logo em seguida derrubou César do poder restante que lhe sobrava, traíndo-o. Ora, era de se imaginar que haveria uma traição. Giuliano se vingou de Alexandre, que o colocara por anos em um áxilo, justamente destruindo seu filho, e, como se não bastasse, fazendo-o de bobo. Acresce que nada disto teria sido possível se não fosse por Maquiavel e seu dom inestimável para a manipulação.

Após a saída de César, Maquiavel ficou aliviado por ter sua amada cidade, Florença, livre. Mais tarde ele teria um triste destino como efeito de causalidade, ao ter

que pagar uma multa no valor de 10 anos de seu próprio salário e se ver confinado na pobreza em sua chácara, onde tinha confinado Pernitti.

É, companheiros, a moeda às vezes é paga com o mesmo valor. Porém, o que ele almejava, que era evitar um risco iminente para Florença com o poderio de César, foi alcançado.

Leonardo também adquiriu o que pretendia: tirou um tirano do poder e tornou-se funcionário de alguém mais ameno, com o ofício de suas pinturas e diversidade de clientes. Também conseguiu o contrato que Maquiavel havia prometido lhe dar, caso saíssemos desta trama que executamos com um resultado positivo – como de fato ocorreu.

E, quanto a mim, bom, eu não ganhei nada com tudo isto. Eu fui o que mais trabalhou em prol destas conquistas, e nada obtive para me regozijar. Como sempre, minha natureza foi tão altruísta que fiz coisas custosas para outros se beneficiarem com elas. Bem queria eu me vingar de Costanua, porém, após a retirada de César e entrada de Giuliano, este último, como se fosse ingrato pelos meus trabalhos, promoveu o infeliz do Costanua, que passou a trabalhar menos e ganhar mais. É, meus amigos, parece que sempre sobra para mim, porém, não desta vez: com este diário posso finalmente me vingar de todos eles: seja de meu mestre já padecido, que Deus o tenha, ou de Maquiavel, que manipulou até a mim mesmo, quando quis que eu fosse um ator – e só Cristo sabe como sou ruim para isto, - ou até mesmo de Costanua e Giuliano. Meu bel prazer é manchá-los com a verdade contida nestas tintas, pois a História, quando contada de maneira verdadeira, perpetua-se pelos séculos vindouros.

Espero que eu seja reconhecido pelos meus atos e trabalhos e que meu benefício finalmente exista, e seja ele tão somente a glória de ser reconhecido...